

A organização militar (*stratíotiké syntaxis*) e a estrutura econômica e política do império Persa na *Ciropédia* de Xenofonte

The military organization (*stratíotiké syntaxis*) and the economical and political structure of the Persian empire in the *Cyropaedia*

Vitor de Simoni Milione¹

Université de Montréal (Canadá)

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3511-8087>

Recibido: 15-01-2024

Aceptado: 29-05-2024

Resumo

Este artigo tem como objetivo analisar um aspecto da filosofia política de Xenofonte comumente negligenciado pelos intérpretes: a organização militar, isto é, a hierarquia e a cadeia de comando, como o elemento que oferece a estrutura econômica e política do império Persa descrito na *Ciropédia*. A transposição desse modelo militar hierárquico confere à estrutura do Estado persa um caráter racional que visa, do ponto de vista econômico, a eficiência na produção de recursos e o equilíbrio fiscal; e, do ponto de vista político, a eliminação de conflitos internos e da anarquia, bem como a rapidez na transmissão das ordens e a eficácia na execução de tarefas burocráticas, na medida em que cada um conhece o seu lugar e as suas funções nesse sistema hierárquico, que se mantém através do poder do soberano disseminado em todas as instâncias do governo.

Palabras-clave: Xenofonte, filosofia grega, filosofia política, organização militar, economia, poder político.

¹ (vitormilione@gmail.com). Vitor de Simoni Milione recebeu seu Ph.D em Filosofia pela Université de Montréal, onde atua como pesquisador. Ele apresentou e publicou artigos na área de história da filosofia antiga, notadamente sobre Xenofonte, Platão, e Estoicismo, assim como sobre a representação de Sócrates em autores da Antiguidade.

Abstract

The goal of this article is to analyse an aspect of Xenophon's political philosophy commonly overlooked by scholars: the military organization i.e. the hierarchy and the chain of command, as the element that gives the economical and political structure of the Persian empire in the *Cyropaedia*. The transposition of this hierarchical military model endows the structure of the State with a rationality which aims, from an economical perspective, at the efficiency in the production of resources and the fiscal balance; and, from a political perspective, at the elimination of internal conflicts and anarchy, but also at the efficacy in the transmission of orders and the speed in the execution of administrative tasks, since everybody knows his place and functions in this hierarchical system, which is maintained by the sovereign's power disseminated through all the instances of the government.

Keywords: Xenophon, ancient Greek philosophy, political philosophy, military organisation, economy, political power.

Introdução: a problemática do estudo, o seu escopo e o conceito de *stratiotiké syntaxis*

A *Ciropédia* conta a história de Ciro o Velho, do seu nascimento até a sua morte. Xenofonte concentra a maior parte da sua narração nos incríveis feitos militares realizados ao longo da conquista progressiva, pelos Persas, do que hoje chamamos de Oriente Médio. Na parte final desse “romance filosófico” (VII, 5-VIII, 1-7), Xenofonte descreve com cuidado, etapa por etapa, a estruturação do império persa. E é nesta parte onde vemos se desenhar o que se poderia chamar de “concepção xenofônica do Estado”, da qual analisaremos aqui apenas uma fração. A problemática geral deste artigo é a seguinte: Por que recorrer ao paradigma militar para pensar a estrutura econômica e política do Estado? Quais problemas Xenofonte tenta resolver transpondo certos elementos desse paradigma para a estrutura do Estado? A hipótese que eu seguirei neste estudo é a seguinte: quando ele pensa o Estado em seu nível estrutural, Xenofonte usa como modelo um aspecto específico da arte da guerra: a organização militar (em Grego antigo, *stratiotiké syntaxis*). O resultado dessa transposição é uma concepção de política e de Estado muito original, na medida em que se enfatiza os aspectos técnicos, pragmáticos e burocráticos do governo.

O escopo deste artigo consiste na terceira e última etapa da organização do império persa. Na primeira etapa (VII, 5, 37-59), tratava-se de delimitar com clareza a relação entre os conquistadores e os povos conquistados, assim como as medidas de segurança em torno de Ciro, do seu palácio real e da sua capital.

Na segunda etapa (VII, 5, 70-86-VIII, 1, 4-8), a distância entre vencedores e derrotados é ainda mais aprofundada quando Ciro estabelece seus lugares e suas funções, os derrotados assumindo um papel puramente econômico, ao passo que os vencedores, que desde então fazem parte da corte imperial, assumem um papel político-administrativo. A corte de Ciro é, por assim dizer, o sistema nervoso central do império e é por isso que o treinamento militar e, sobretudo, a prática constante da virtude são partes integrais do modo de vida na corte imperial. Com efeito, a superioridade militar e moral é essencial para que Ciro atinja um dos seus objetivos principais: a conservação (*sotería*) e a estabilidade (*aspháleia*) do império (VII, 5, 75-76). Na terceira etapa da organização do império, Ciro se dirige da corte para o império como um todo. Dentro dos limites deste artigo, pretendo analisar dois aspectos da estrutura do Estado persa articulados à ideia de “*stratīotikḗ sýntaxis*”.

1. A organização econômica, ou seja, o sistema que garante o equilíbrio entre receitas e despesas e a produção dos recursos necessários à manutenção do Estado.
2. A organização política, que visa a administração dos habitantes do vasto império, a segurança do território e a difusão das virtudes do rei e do seu poder.

Antes de prosseguirmos, seria pertinente dizer algumas palavras sobre a noção-chave de “*stratīotikḗ sýntaxis*”, que é, aliás, um hapax na obra de Xenofonte. Trata-se, ao meu ver, de um dos cerne para entendermos a concepção xenofônica de Estado, de modo que a análise do próprio termo já nos oferece alguns elementos importantes acerca desse aspecto da filosofia política de Xenofonte. O adjetivo *stratīotikós* – que podemos traduzir por “militar”, “guerreiro” ou “bélico” - remete à tudo o que diz respeito à vida e ao *métier* de soldado, por exemplo, o treinamento físico, o manejo de armas, os equipamentos e a vida no acampamento militar. É por isso que Xenofonte, na *Ciropédia* IV, 5, 39, usa a expressão “*σκηνή καλῶς στρατιωτικῇ*”, para se referir às tendas belamente organizadas, ou seja, com todas as comodidades de uma tenda militar, por exemplo, víveres, bebida, serviços, roupas de cama e vestimentas, assegurando assim que as tropas tenham os recursos necessários para uma vida agradável em expedição.

Já o substantivo *sýntaxis* - que poderíamos traduzir por “sistema”, “arranjo”, “organização” ou “estrutura” - remete, de um ponto de vista político, à organização e à disposição da totalidade do Estado, seja ele um império ou uma *pólis*; e de um ponto de vista especificamente militar esse substantivo remete à ordem durante uma batalha, ao exército organizado em formação de

combate², ou ainda ao próprio contingente de soldados³. Ora, considerando o campo semântico desses dois termos, a noção de *stratiotikḗ syntaxis* parece ter vindo de modo natural à mente de Xenofonte, o que reforça, ademais, a nuance militar do termo *syntaxis*, mas que revela também um aspecto crucial do seu pensamento sobre o Estado, a saber, que toda a sua estrutura econômica, política e burocrática deve ter como fundamento o exército, pois ele fornece o melhor paradigma possível de gestão e ordenamento para uma comunidade humana. Isso significa, como ficará claro ao longo deste estudo, que são priorizadas a eficiência, a eficácia, a rapidez, o controle, a vigilância, a obediência e a hierarquia em todos os processos que constituem a vida social, política e econômica do Estado. Não é por acaso que Xenofonte escolheu como modelo da sua reflexão político-filosófica o império persa, pois, no seu tempo, era a mais complexa e mais heterogênea comunidade humana existente.

1. A organização dos assuntos econômicos do Estado persa.

Olhemos agora com atenção o primeiro texto, que diz respeito especificamente à organização econômica do Estado persa. Mesmo sendo um texto bastante grande, vale a pena citá-lo *in extenso*, na medida em que ele condensa as principais informações concernentes aos assuntos econômicos do império criado por Ciro o Velho.

[Ciro] pensou que deveria primeiro ter um pouco de lazer (σχολῆς), se desejava estar apto a cuidar de questões de enorme importância (τῶν κρατίστων ἐπιμελεῖσθαι). Por um lado, considerou que não era possível negligenciar as receitas (προσόδων ἀμελεῖν), percebendo que necessariamente muitas seriam as despesas de um império vasto. Por outro lado, sabia que estar constantemente às voltas com a grande quantidade de bens (πολλῶν κτημάτων) que possuía significaria que não teria tempo disponível (ἀσχολίαν) para cuidar da preservação do império como um todo (τῆς τῶν ὅλων σωτηρίας ἐπιμελεῖσθαι). [14] Assim, ao examinar como as questões econômicas poderiam estar bem-arranjadas (τά τε οἰκονομικά καλῶς ἔχει) para que ele tivesse tempo livre (ἢ σχολῆ), refletiu como funcionava a organização militar (τὴν στρατιωτικὴν σύνταξιν). Em geral, os sargentos são responsáveis por dez homens; os tenentes, pelos sargentos; os capitães, pelos tenentes; os coronéis, pelos capitães; os generais de brigada, pelos coronéis, de forma que ninguém ficava sem supervisão (οὐδεὶς ἀτημέλητος), nem houvesse muitos milhares de homens, e sempre que o general do exército desejasse utilizar o exército para algum fim, bastaria que ele desse comandos para o general de brigada. [15] Ciro,

² Cf. *Cirop.* II, 4, 1: “Um dia, quando Ciro fazia a revista geral do exército em armas e do seu posicionamento em batalha (καὶ σύνταξιν) (...).”

³ Cf. *Xen. Hel.* V, 2, 37.

então, centralizou também as atividades econômicas (συνκεφαλαιώσατο τὰς οἰκονομικὰς πράξεις) nesse mesmo modelo, de modo que, ainda que dialogasse apenas com alguns poucos homens (ὀλίγοις διαλεγομένῳ), nenhuma parte da sua administração era por ele negligenciada (μηδὲν τῶν οἰκείων ἀτημελήτως ἔχειν). Assim, teria mais tempo livre (σχολήν...πλείω) do que tem o responsável por uma única casa ou um único navio. Depois de estabelecer suas próprias funções (οὕτω δὴ καταστησάμενος τὸ αὐτοῦ), passou a instruir os homens de seu círculo a fazer uso do mesmo sistema (ταύτη τῇ καταστάσει)⁴.

Tomando emprestado elementos do *savoir-faire* militar, Ciro estabelece uma interessante concordância entre duas áreas habitualmente dissociadas: a administração imperial e o exército (Azoulay 2009: 168). Nessa perspectiva, é pertinente assinalar que a estruturação do Estado persa a partir da organização militar responde a dois objetivos complementares: (i) a necessidade de tempo livre para o rei e os seus associados, ou seja, amigos e aliados que o ajudaram na sua conquista militar e (ii) a administração eficaz dos assuntos econômicos. Obter tempo livre já era uma grande preocupação de Ciro desde a primeira etapa da organização do império. Neste texto, lemos que Ciro precisa de tempo livre para concentrar toda a sua atenção nas “questões de enorme importância”, mas não é evidente, *prima facie*, a que essa expressão se refere. Começamos a entendê-la algumas linhas adiante, quando lemos a expressão “τῆς τῶν ὅλων σωτηρίας ἐπιμελεῖσθαι” (literalmente, “ocupar-se da preservação do todo”), associada ao risco que Ciro corria de não obter o tempo livre necessário para cuidar da conservação do império, que se torna um dos seus objetivos principais logo após a conquista da Babilônia (VII, 5, 76). Além disso, o termo *tò hólon* (o todo) é suficientemente genérico para englobar todos os habitantes do império, assim como as suas instituições, os campos cultiváveis, as práticas sociais e religiosas, a infra-estrutura (por exemplo, portos, prédios públicos e estradas), etc. Assim, o objetivo de estruturar o seu governo a partir da organização militar é, antes de tudo, poupar Ciro da atenção de cada elemento necessário ao funcionamento do império e direcioná-la a uma visão global dele; por outras palavras, Ciro quer se liberar da preocupação com as minúcias do seu governo. Em vez de realizar múltiplas tarefas e, com isso, correr o risco de negligência, Ciro se concentra nas atividades que dizem respeito a um rei⁵. É por isso que ele estabelece um sistema (*katástasis*) que não é autônomo, ou seja, que funciona independentemente do soberano; em contrapartida, basta que Ciro transmita suas ordens a um número ínfimo de notáveis para que elas sejam rapidamente

⁴ *Cirop.* VIII, 3, 13-15 (todas as citações da *Ciropédia* provêm tradução L. Sano 2021).

⁵ Vale notar que essa ideia está totalmente em conformidade com o princípio de especialização aplicado à organização do acampamento militar (*Cirop.* VIII, 5, 6-9), e que ela aparece também em *Cirop.* VIII, 2, 7-9. Em vez de realizar múltiplas e distintas tarefas e, com isso, correr o risco de negligência, Ciro se concentra em tarefas que incumbem a um rei. O mesmo princípio vale, é claro, para todos os subordinados que, como veremos, executam funções limitadas e específicas.

difundidas por todo o império, assim como basta que o general comunique suas ordens a um punhado de coronéis para que elas sejam rapidamente difundidas pelas tropas.

Vale observar que o tempo livre que Ciro deseja é exatamente aquele que é definido e defendido por Sócrates nas *Memoráveis* III, 9, 9: ter tempo livre não significa dedicar-se nem à inação e nem às más ações; ao contrário, deseja-se tempo livre para se fazer algo de melhor, mais nobre ou mais produtivo. Trata-se, portanto, na *Ciropédia* VIII, 1, 13-15, de acordo com concepção socrática acerca do tempo livre, de obter tempo para as melhores atividades (Demont 1990: 294). Assim, não é por acaso que o modo de vida adotado por Ciro e sua corte pareça muito com o modo de vida do próprio Sócrates (*Mem.* I, 6, 4-10), que visa também obter tempo livre para ajudar os amigos e para servir a *pólis* (*ibid.* I, 6, 9). Na mesma ordem de ideias, a instauração de um sistema de governo que proporciona tempo livre a Ciro e aos seus companheiros seria totalmente inútil se ele não fosse acompanhado da prática da virtude na corte, que renova e reforça esse tempo livre, na medida em que eles não desperdiçarão seu tempo satisfazendo aos múltiplos prazeres oferecidos pelos bens materiais adquiridos após a conquista.

O segundo objetivo da transposição da organização militar à estrutura do Estado diz respeito à boa administração dos assuntos econômicos. Neste ponto, é interessante observar que Xenofonte utiliza os termos *tà oikonomiká* (e mais adiante *tàs oikonomikás práxeis*, atividades econômicas) e *prosódon* (receitas), que fazem parte do campo semântico da *oikonomía*. Parece-nos que o termo *tà oikonomiká* possui um significado mais abrangente que o termo *prosódon*, principalmente se pensarmos na definição de *oikonomía* no *Econômico*: a boa administração do patrimônio (εὖ οἰκεῖν τὸν...οἶκον - I, 2), o que compreende a capacidade de pagar todas as despesas, de economizar dinheiro e de aumentar o próprio patrimônio (I, 4). A noção de *oikos* abrange com efeito todas as posses (*ktémata*) que se administra e que se sabe como fazer bom uso delas (I, 5-9), incluindo obviamente as riquezas (*tà khrémata*, I, 10) e, surpreendentemente, os inimigos e os amigos (I, 14-15). A *oikonomía* é então a arte de bem administrar e de bem utilizar a totalidade das posses que fazem parte do *oikos*. Ora, na medida em que um dos aspectos da arte econômica é o pagamento de todas as despesas, é totalmente compreensível que Ciro se preocupe com as receitas (*prosodoi*): a administração do império persa, devido à sua imensidão, geraria grandes despesas, de modo que os cofres do Estado precisam estar sempre cheios.

Nessa perspectiva, pode-se distinguir os *khrémata* (o dinheiro, as riquezas ou os recursos em geral), dos *prosodoi*, que são especificamente as receitas que tanto um indivíduo, quanto uma *pólis* ou um império – obtêm através das riquezas que produzem; trata-se então, quando se fala de *prosodoi*, de

finanças, de fiscalidade e de liquidez. É preciso reconhecer que Xenofonte não especifica, no texto que estamos analisando, origem das receitas do império, nem a natureza de suas grandes despesas. No que concerne às receitas, elas devem provir em grande parte, pode-se supor, do fruto do trabalho da massa de trabalhadores composta majoritariamente pelos povos conquistados, bem como dos impostos pagos pelos súditos⁶; quanto às despesas, já que estamos falando de um vasto império, elas devem compreender, por exemplo, a organização de festas religiosas e de concursos atléticos, a manutenção das estradas, das rotas de comércio, das tropas e dos templos, mas, sobretudo, a política evergética radical de Ciro⁷.

Seria legítimo perguntar se as receitas (*prósodoi*) em questão são públicas ou privadas. De minha parte, estou convencido de que se trata das receitas privadas de Ciro e isso, por duas razões. Em primeiro lugar, a presença do vocabulário da *oikonomía* na *Ciropédia* VIII, bem como a comparação entre os Persas vencedores e o “mestre”, *despótes* (*Cirop.* VII, 5 72-73; 83), indicam claramente que o Estado persa é concebido por Xenofonte como um *oikos* em larga escala no qual Ciro assume a figura do *pater familias* generoso e benevolente⁸. Sendo assim, enquanto “pai” e chefe de um império-*oikos*, uma das principais obrigações de Ciro é garantir o equilíbrio das finanças. Em segundo lugar, o emprego da expressão τὸ πολλῶν κτημάτων ὄντων αὐτὸν ἔχειν em VIII, 1, 13 indica que o que deve ser bem administrado pela organização militar que Ciro adota são os seus próprios bens, que se confundem, como veremos, com a receitas do império.

Contudo, isso não quer dizer que os próprios súditos de Ciro não possuíam também propriedades e receitas privadas. Na *Ciropédia* VIII, 2, 7, Xenofonte afirma que, ainda que Ciro superasse todo mundo em termos de volume de receitas (πολὺ γὰρ διενεγκῶν ἀνθρώπων τῷ πλείστας προσόδους λαμβάνειν), ele superava ainda mais pela quantidade inigualável de presentes oferecidos (πολὺ ἔτι πλέον διήνεγκε τῷ πλείστα ἀνθρώπων δωρεῖσθαι). Por outras palavras, os súditos do império possuíam realmente receitas privadas, a diferença em relação a Ciro situando-se a nível quantitativo⁹. Parece-me que encontramos aí, vale a

⁶ Na *Cirop.* VII, 5, 79, os povos conquistados são designados como trabalhadores (*ἐργάτας*) e pagadores de impostos (*δασμοφόρους*), o que indica que o Estado Persa recolhia certamente impostos dos seus súditos; na *Cirop.* VIII, 1, 9, dentre os numerosos funcionários que compunham o *staff* do império, encontram-se os fiscais de receitas (*προσόδων ἀποδεκτῆρες*), cuja tarefa devia ser a de gerenciar os diversos impostos e taxas que compunham a receita do império.

⁷ Cf. *Cirop.* VIII, 2, 1-7; 3, 19-24; 4 *passim*.

⁸ Para uma ocorrência da metáfora do “pai benevolente” aplicada a Ciro, ver *Cirop.* VIII, 2, 9. Como bem enfatizou Woronoff (1993: 47), “[i]ci, la référence familiale correspond à un mouvement de recours vers un protecteur nécessaire ; ce titre partagé est un indice du parallélisme des relations entre sujet et roi, soldat et officier.”

⁹ Ver também *Cirop.* VIII, 6, 5, onde se lê que Ciro distribuiu a muitos dos seus amigos, em todas as regiões conquistadas, terras, casas e serviços, o que confirma que, pelos menos uma parte dos seus súditos, também possuíam bens privados.

pena enfatizar, uma das diferenças cruciais entre um rei como Ciro e um tirano: no caso de um governo tirânico, os bens dos particulares estão sempre sob ameaça, na medida em que o tirano pode tomá-los de assalto a qualquer momento e de maneira arbitrária e violenta. É preciso reconhecer que Ciro se reservava o direito de tomar os bens dos seus associados mas, é fundamental marcar essa diferença, segundo um rigoroso princípio de mérito: por exemplo, aquele que não frequentava assiduamente a corte imperial era privado dos seus bens, que eram em seguida oferecidos a um outro que Ciro acreditava ser capaz de se apresentar quando necessário (*Cirop.* VIII, 1, 20). Essa redistribuição de bens mostra então que (i) Ciro tinha a última palavra acerca dos bens daqueles que faziam parte da sua *entourage*, (ii) e que ele seguia à risca uma política clara de recompensas e punições, onde todos sabiam exatamente o que era preciso fazer para, de um lado, ser recompensado e, de outro, não ser punido. Neste ponto, uma distinção muito importante precisa ser feita. Quando se afirma que os súditos do império possuíam bens privados, está se referindo exclusivamente aos *vencedores*, ou seja, aos Persas e seus aliados, cujos bens foram largamente aumentados graças à conquista do império assírio; os povos conquistados, por sua vez, foram completamente despossuídos. De fato, Ciro nunca elimina a distinção entre vencedores e vencidos; além disso, não apenas ele não busca estabelecer uma *κοινωνία* entre todos os seus súditos (apenas entre ele e os seus amigos e aliados), mas ele se esforça por manter as oposições entre conquistadores e conquistados (Carlier 1978: 151). Ciro afirma vigorosamente que os bens e os corpos dos povos conquistados pertencem aos vencedores, uma relação social que remete, às vezes explicitamente, à relação entre mestre (*despótes*) e escravo (*doúlos*)¹⁰. Esse tipo relação não tem nada de surpreendente, sobretudo se se considera que o império de Ciro é pensado como um gigantesco *oikos*, e segundo o modelo grego, os escravos trabalham para os seus mestres. Isso confirma, ademais, que uma das fontes de *prósodoi* consiste precisamente nos produtos do trabalho dos povos conquistados, bem como os impostos pagos ao Estado persa.

Paradoxalmente, mesmo sendo a pessoa mais rica do império, Ciro nunca hesitava em colocar seus próprios bens à disposição dos seus amigos e subordinados e isso, sob a forma de uma política evergética radical, de modo que suas posses e receitas particulares eram a fonte mesma do bem-estar do Estado ou, retomando uma expressão que encontramos em VIII, 1, 13-15, “da preservação do império com um todo” (τῆς τῶν ὅλων σωτηρίας)¹¹. Nessa perspectiva, Ciro segue fielmente um dos conselhos de Simônides, que emprega, notar-se-á, um vocabulário similar ao da *Ciropédia*:

¹⁰ Para alguns trechos onde a oposição entre conquistadores e conquistados aparece claramente e às vezes com conotações de servidão, ver *Cirop.* VII, 5, 36; VII, 5, 73; VIII, 1, 43. Trata-se de uma perspectiva grega tradicional, segundo a qual o vencedor na guerra tem direito aos corpos e aos bens dos perdedores (cf. *Anab.* III, 2, 28; III, 2, 39)

¹¹ Sobre o evergetismo prodigioso de Ciro, ver Azoulay 2004a: 357-367.

Você não deve, Hierão, abster-se de gastar os seus bens privados (οὐδ' ἀπὸ τῶν ἰδίων κτημάτων ὀκνεῖν δαπανᾶν) para o bem comum (εἰς τὸ κοινὸν ἀγαθόν); de fato, na minha opinião, aquilo que se desembolsa para a cidade (τὰ εἰς τὴν πόλιν ἀναλούμενα) é gasto mais para o necessário (μᾶλλον εἰς τὸ δέον τελεῖσθαι) que aquilo que se desembolsa para o tesouro pessoal do tirano (ἢ τὰ εἰς τὸ ἴδιον ἀνδρὶ τυράννῳ)¹².

Ora, por causa da política evergética de Ciro, as fronteiras entre as esferas pública e privada são naturalmente confundidas, na medida em que a prosperidade de Ciro torna-se indistinta da prosperidade dos seus súditos, o que está, aliás, totalmente de acordo com os ensinamentos de Sócrates nas *Memoráveis* III, 2, 4, onde se diz que a virtude própria do bom chefe (ἀγαθοῦ ἡγεμόνος) é a aptidão a tornar prósperos (τὸ εὐδαίμονας ποιεῖν) aqueles que ele governa¹³. Sendo assim, ainda que Ciro opere modificações importantes em sua arte de governar, aplicada agora em contexto imperial, ela permanece imutável num ponto essencial: seu evergetismo radical atinge tanto os seus amigos e aliados que agora se tornam associados (*koinonés*) no governo, quanto os povos conquistados, permitindo desse modo que ele obtenha a amizade e a obediência voluntária de todos.

Quanto ao termo *tà oikeía* – que aparece em VIII, 1, 15 para se referir à administração dos bens de Ciro – ele aparece às vezes como o antônimo de *tà politiká*, de modo que ele remete aos interesses e aos bens particulares por oposição aos interesses e bens públicos. Na passagem que estamos analisando, *tà oikeía*, que também está associado à ideia de *skholé*, parece se distinguir-se de *tà oikonomiká*; observa-se então que Xenofonte acrescenta, além da necessidade de ocupar-se dos assuntos mais importantes, o tempo livre necessário para que Ciro se ocupe também dos seus assuntos pessoais, a entender, parece-me, como o aspecto mais íntimo da sua vida, a saber, sua família¹⁴. Essa inquietação já havia sido demonstrada por Crisantas em VII, 5, 56, aquando de uma série de discursos onde também é questão de encontrar os meios de proporcionar o tempo livre (σχολή) para Ciro e seus próximos. Crisantas insiste para que Ciro se instale numa casa para melhor usufruir do seu poder; pois um lar, segundo Crisantas, é o lugar mais sacro, mais agradável e mais íntimo (οἰκειότερόν); a insistência de Crisantas vem do fato de que

¹² *Hierão*, XI, 1 (minha tradução). Azoulay (2009: 166), observa com acuidade um paradoxo similar ao que encontramos no final da *Ciropédia*: “De façon paradoxale, le tyran doit donc transformer la cité en *oikos* pour mieux reconstruire un monde commun : *idion* et *koinon* se confondent ainsi harmonieusement.” Devo enfatizar que não considero Ciro um tirano. Pelo contrário, parece-me que se Hierão adotar todas as medidas propostas por Simônides, ele se tornará um verdadeiro *basileús*, como é o caso de Ciro (sobre este ponto, ver Dorion 2021a: 113-114 n. 345).

¹³ Sobre a equivalência entre, de um lado, os papéis do bom chefe e do bom pai e, de outro lado, a figura dos subordinados e dos filhos, ver *Cirop.* VIII, 1, 1; VIII, 8, 1.

¹⁴ Para algumas ocorrências de *tà oikeía* no sentido de “ocupações domésticas” ou “assuntos íntimos/familiares”, ver *Cirop.* IV, 3, 12; VIII, 5, 17; VIII, 6, 5; *Hel.* VII, 1, 4.

Ciro ainda é solteiro e que ele precisa, por isso, de tempo livre não apenas para exercer plenamente o seu poder real recentemente adquirido (VII, 5, 37), mas ainda para se dedicar ao casamento e à família; neste ponto, é razoável afirmar que o problema da sucessão está subjacente à inquietação de Crisantas. Por conseguinte, está agora claro que o objetivo da incorporação de elementos da organização militar à estrutura do Estado é permitir também que Cyrus tenha uma vida privada ou, se quisermos, íntima, paralelamente à sua vida política.

De qualquer forma, parece claro que na parte final da *Ciropédia*, ou seja, após a derrota da Assíria (VII, 5, 36ss), a linha divisória entre o privado e o público é ora reorientada (o privado se sobrepondo ao público), ora se torna muito porosa, ao passo que antes da criação do império Persa, a fronteira entre essas duas esferas não só é mais marcada, mas existe ainda uma clara preponderância do público sobre o privado. Por exemplo, no início da *Ciropédia*, a Pérsia era uma espécie de monarquia constitucional na qual o rei Cambises estava submetido às leis (I, 3, 18), que visavam ademais “o bem público” (τοῦ κοινοῦ ἀγαθοῦ - I, 2, 2). Após a formação do império, a perspectiva muda. Não são mais as leis enquanto tais que oferecem os modelos de conduta e os parâmetros das recompensas e das punições; a partir de agora é o rei (*basileús*) que impõe as primeiras e determina os últimos. Sendo assim, para melhor engajar os seus súditos, em particular sua *entourage*, a buscar e praticar as coisas belas e boas (τὰ καλὰ καὶ ἀγαθὰ), Cyrus, enquanto chefe legítimo, se esforçava para ser um paradigma para os seus subordinados, ou seja, mostrar que ele era, dentre todos, o mais ornamentado pela virtude (πάντων μάλιστα κεκοσμημένον τῇ ἀρετῇ - VIII, 1, 21). E Xenofonte prossegue:

[Ciro] julgava, por um lado, ter percebido que os homens até se tornavam melhores (βελτίους) por meio de leis escritas e, por outro, pensava que o bom governante era, para os homens, uma lei com capacidade de visão (βλέποντα νόμον), porque podia não só ordenar, como também ver quem agia de forma indisciplinada e aplicar uma punição.¹⁵

Dessa afirmação, não devemos concluir nem que Cyrus se substituiu às leis escritas, nem que ele encarna todas as instituições do império, um pouco à maneira de um Luís XIV e seu célebre adágio “o Estado sou eu”. Com efeito, devemos nos precaver de conceber Xenofonte como um profeta do Estado moderno e como um teórico da monarquia absoluta *avant la lettre* (contra Carlier 1978). A situação no final da *Ciropédia* é bem mais nuançada: por um lado, Cyrus é o guardião das leis escritas já que, como ele mesmo o reconhece, ele estima que elas são capazes de tornar os homens melhores (βελτίους); por outro lado, na medida em que ele é a um só tempo um perfeito modelo de virtude e o chefe supremo do império, Cyrus é capaz, graças à sua força moral e

¹⁵ *Cirop.* VIII, 1, 22.

política, de exigir que todos cumpram as leis, de identificar as faltas cometidas e de corrigir os seus súditos, daí a ideia de “lei visível” (βλέποντα νόμον)¹⁶; mas não há nenhuma passagem na *Ciropédia* onde se lê que Ciro estava acima ou a margem das leis¹⁷. Parece-me que uma compreensão adequada do pensamento ético e político de Xenofonte nos impede de imputar a Ciro o título de tirano ou de monarca absoluto. Xenofonte considera, de fato, que as leis são, por elas mesmas, incapazes de impor o respeito e a adesão que lhe são devidos, e que apenas o dirigente, seja ele um rei, um magistrado ou um chefe militar, é capaz, graças ao seu próprio exemplo, de inspirar os seus subordinados a obedecê-las: “nisso, a situação é igual ao que se observa em todo o resto: quando aquele que está no comando é um homem bom, pratica-se as leis de forma mais íntegra; quando ele é mau, de forma inferior”¹⁸. Ora, segundo a concepção xenofônica do chefe como modelo de virtude e de conduta para os seus subordinados, se o próprio Ciro fosse um fora-da-lei, ninguém obedeceria às normas e às práticas sociais instauradas por ele, de modo que o declínio do império teria acontecido ainda durante sua vida. Aliás, o fato de que o declínio do império seguiu imediatamente a sua morte é a prova cabal, e apenas aparentemente paradoxal, pois trata-se de uma prova *a contrario*, (i) da excelência ética e política de Ciro, (ii) do êxito da organização do império sob a sua égide e, por fim, (iii) de que na ausência do chefe (exemplar), a confusão e a anarquia reinam¹⁹.

O que pode induzir a erro é, por exemplo, uma leitura moralista do texto de Xenofonte, bem como os preconceitos dos próprios intérpretes²⁰. Tomemos um caso específico que gera às vezes confusão: a incorporação das práticas sociais dos Persas (por exemplo, o regime de vida austero e o cuidado com o corpo), bem como alguns hábitos dos Medas, sobretudo a adoção dos ornamentos e vestimentas suntuosos durante os desfiles imperiais. Com efeito, se se toma

¹⁶ Como bem observou Azoulay (2004b: 169), “such a conception does not mean that the king becomes law incarnate (νόμος ἔμψυχος). Xenophon simply shows Cyrus as *being the enforcer of written laws* which would be ineffective without external support. Far from substantiating a self-normative and proto-hellenistic conception of monarchy, Xenophon only summons up an aristocratic commonplace.”

¹⁷ *Contra* Morrison (2004: 191-192), Farber (1979: 502) e Gera (1993: 290), para quem Ciro não está sujeito a nenhum tipo de lei.

¹⁸ *Cirop.* VIII, 1, 8 (trad. Sano, ligeiramente modificada). No epílogo da *Ciropédia*, justamente no capítulo onde se trata do declínio do império, Xenofonte repete essa máxima que está no coração da sua filosofia política: “pois, seja qual for o caráter dos governantes, esse passa a ser o da maioria dos homens sob seu comando (VIII, 8, 5).” Na mesma ordem de ideias, ver *Receitas*, I, 1; *Agésilau* VII, 2; *Const Lac.* VIII, 2;

¹⁹ É exatamente o que aconteceu com o império nas mãos dos filhos de Ciro. Encontramos uma situação análoga na *Anabase*: após a morte dos generais que comandavam os Dez Mil, a coesão do exército grego se deteriorou rapidamente (cf. III, 2, 29-31). Para uma interpretação do declínio do império persa após a morte de Ciro coerente com a letra do texto da *Ciropédia* e com a filosofia de Xenofonte, ver Dorion 2002.

²⁰ As interpretações distorcidas da obra de Xenofonte, sobretudo da *Ciropédia*, encontram, em geral, uma fonte comum na exegese que fez Léo Strauss da obra de Xenofonte. Neste ponto, remete-se às críticas de Dorion 2013; *Idem* 2021b

o modo de vida dos Persas como paradigma e, portanto, como aquele que Xenofonte defende e, em sentido contrário, o modo de vida dos Medas como sendo absolutamente mau por causa do luxo, dos excessos no gozo dos prazeres e, de modo geral, da opulência, não se compreende de modo algum nem a razão pela qual Ciro incorpora e concilia elementos de ambos os modos de vida, nem, de modo geral, a razão pela qual Xenofonte apresenta explicitamente Ciro e o império criado por ele de modo elogioso²¹.

Todavia, uma leitura atenta do texto revela que Ciro encontra nos elementos que fazem parte de ambos os regimes de vida ferramentas éticas e políticas eficazes, das quais ele se serve como um verdadeiro expert. O modo de vida persa é adotado por Ciro e seus associados (*koinonés*) na pequena comunidade de amigos que é sua corte imperial²², ao passo que, no exterior da corte, Ciro e seus companheiros de governo adotam apenas o cerimonial meda e isso, com o intuito de enfeitiçar os povos conquistados²³. Trata-se aí, primeiramente, da prova cabal do gênio político de Ciro, que soube incorporar, aquando da organização do seu império, os elementos das duas *paideiai* da sua infância. Em segundo lugar, esses dois comportamentos, longe de serem contraditórios, são, na verdade, totalmente complementares: se Ciro e sua corte são capazes de adotar certos elementos da vida suntuosa dos Medas sem se deixarem corromper por ela, isso se dá exatamente porque eles vivem sob a égide da *diata* persa, da qual um dos seus traços particulares é a prática constante de virtudes como o autocontrole (*enkráteia*) e a temperança (*sophrosýnē*), dos quais Ciro, vale enfatizar, é um perfeito paradigma. Portanto, e é preciso sublinhar este ponto, a opulência da indumentária meda não faz parte do modo de vida de Ciro e dos seus semelhantes; ela é usada, na realidade, como um estratagema político muito eficaz dirigido apenas aos povos conquistados.

²¹ Não há nenhum texto no qual Xenofonte critica o regime instaurado por Ciro após a conquista, nem o modo de vida dos Medas. Pelo contrário, não somente Xenofonte descreve a corte meda de modo muito objetivo e sem emitir juízos morais, mas retrata ainda o profundo espanto de Ciro quando este, ainda criança, vê os ornamentos do rei Astiages: “Mãe, como é bonito meu avô! (*Cirop.* I, 3, 2).” Carlier (1978: 159), certamente influenciado pela sua leitura de L. Strauss, afirma, a meu ver erroneamente, que o elogio à monarquia de Ciro é em grande parte irônico.

²² Cf. *Cirop.* VII, 5, 37-86; VIII, 1, 17-39; VIII, 2, 7-9; VIII, 4, 1-12; VIII, 4, 24-36. Azoulay (2004b: 158) analisa com perspicácia a relação social entre Ciro e seus associados: “A small-scale ‘face to face society’, the court is indeed organized like a space in which traditional distinctions are blurred: its organisation is similar to that of a limited public space in which wealth and glory are not only for the sovereign but also for a closely-knit oligarchic community. Therefore, at Cyrus’ court, there is something of a confusion between private and public spheres.” Esse comentário esclarece um paradoxo aparente: pelo fato de Ciro compartilhar com seus amigos e aliados os seus próprios bens, à moda dos *kaloí kagathoi* (*Mem.* II 6, 22-24), estes deixando de ser privados (*idia*) acabam se tornando comuns (*koinà*), porém, dentro dos limites da corte imperial.

²³ Cf. *Cirop.* VIII, 1, 40: “Acreditamos ter aprendido de Ciro que ele julgava ser necessário não apenas os governantes se distinguirem dos seus súditos unicamente por serem melhores do que eles (τῷ βελτιοναὺς αὐτῶν εἶναι), mas também achava que deveria enfeitiçá-los (ἀλλὰ καὶ καταγοητεύειν ᾧετο χρῆναι αὐτούς).” Para um estudo detalhado desse tema, ver Azoulay 2004b.

Voltemos agora à *Ciropédia* VIII, 1, 13-15. Depois de examinar a fundo a organização militar, Ciro adota uma *katástasis* (“método” ou “sistema”) na qual todos aqueles que dele participam possuem um lugar específico, inclusive o próprio Ciro. Nessa perspectiva, Ciro também possui suas próprias funções e o seu papel dentro desse sistema que ele mesmo criou, de modo que ele está igualmente submetido a ele²⁴. Esse sistema, que confere à organização econômica do império um caráter totalmente racional, toma explicitamente a forma de uma pirâmide hierárquica ou, se quisermos, de uma cadeia de comando: Ciro se encontra sozinho no topo, ao passo que cada nível da hierarquia é composto de um número cada vez maior de indivíduos, cada um deles sendo o responsável de um dado grupo, sejam eles os associados de Ciro, os sátrapas ou simplesmente os funcionários da burocracia do Estado. Podemos afirmar então que à hierarquia de postos corresponde uma hierarquia de funções, Ciro ocupando-se, como vimos acima, das mais importantes. Vemos, portanto, que a ordem que Xenofonte busca não se limita ao âmbito militar: ele busca um tipo de ordem superior, que faz com que tanto na vida militar quanto na vida civil exista uma hierarquia, ou seja, um chefe e seus subordinados (Delebecque 1973: 16).

Esse método favorece, ademais, a transmissão das ordens de Ciro às escalas inferiores, de modo que as decisões são executadas rapidamente. No entanto, uma comunicação eficaz através dos diferentes níveis da hierarquia não é a única coisa que Ciro busca. O uso do verbo “negligenciar” (ἀμελεῖν – VIII,1, 13) as ocorrências dos termos ἀτιμέλητος e ἀτιμελήτως (VIII, 1, 14-15) indicam que o sistema criado visa também, e talvez sobretudo, reduzir ao mínimo a possibilidade de negligência e de descuido. Sendo assim, a ideia subjacente é a de supervisão e de vigilância, de modo que ninguém passa despercebido. Por outras palavras, já que cada etapa da cadeia de comando estava bem dividida e que todos sabiam exatamente o que fazer, o grau de controle e de eficácia era muito elevado.

De resto, Azoulay (2009: 167) chamou acertadamente de “política de delegação” o sistema instaurado por Ciro nessa terceira etapa de organização do império. Como vimos ainda há pouco, Ciro possuía seu próprio lugar e suas próprias funções dentro do sistema, de modo que ele confiou a um corpo de funcionários uma grande parte das atividades que ele julgava importantes para o bom funcionamento da economia do império. E para limitar as consequências de uma possível insubordinação, lhe pareceu razoável dividir os poderes dos funcionários (Carlier, 1978: 150). Daí a criação de postos de tesoureiros, de fiscais de receitas, de supervisores de obras, de guardiões do patrimônio, de

²⁴ “So, far from being a symbolic incarnation of divine virtue, radiating downwards upon his subordinates, the king is the most active participant in a managerial system, certainly not a « roi qui règne, mais qui ne gouverne pas » (Breebaart 1983: 131).”

responsáveis pela Mesa do Rei, e, por fim, de encarregados pelos cães e cavalos. É interessante notar que os fiscais de receitas e os tesoureiros respondem exatamente à necessidade de saúde fiscal, ou seja, o equilíbrio entre as receitas (*prósodoi*) e as despesas (*dapanai*). Quanto aos guardiães do patrimônio, parece claro que sua tarefa era gerenciar e proteger a imensa riqueza de Ciro e de sua corte imperial. Por fim, no que diz respeito aos demais postos criados, eles têm como objetivo liberar Ciro das pequenas tarefas e filigranas do cotidiano, deveras “cronofágicas”. Nessa perspectiva, entende-se melhor o porquê, no final do passo (VIII, 1, 15), de Xenofonte afirmar que Ciro conseguiu obter mais tempo livre que o mestre de uma única casa ou que o capitão de um só navio: os diversos afazeres de ordem econômica que nesses dois últimos casos são realizados costumeiramente pour uma só pessoa, Ciro distribuiu-os todos a oficiais competentes.

Observamos então o ponto de contato entre a vida civil e a vida militar através da instauração de um sistema hierárquico no qual a gestão dos assuntos econômicos é centralizada (cf. συνεκεφαλαιώσατο τὰς οἰκονομικὰς πράξεις *-ibid.*) nas mãos de pouquíssimos notáveis, de modo que Ciro consegue obter todo o tempo livre que ele precisa para se ocupar dos assuntos de grande importância e dos seus assuntos pessoais. Na próxima seção, vamos ver como essa mesma organização militar é aplicada à estruturação dos assuntos políticos do Estado persa, tal qual concebido e idealizado por Xenofonte.

2. A organização política do império persa: as satrapias

O que pode-se dizer da organização política do império? Eu sustento que Ciro segue ainda a organização militar e a política de delegação quando ele concebe o sistema das satrapias, com o objetivo de administrar as diversas regiões que compõem o seu império (VIII, 6, 1-19). É preciso reconhecer que a expressão *stratiotiké syntaxis* está ausente da *Ciropédia* VIII 6. O que me permite, mesmo assim, afirmar que Ciro também adota a organização militar no que diz respeito aos assuntos políticos é o fato de que (i) os sátrapas e os seus subordinados são incorporados ao mesmo sistema hierárquico analisado acima, (ii) de modo que eles fazem parte do mesmo sistema de divisão de tarefas e de limitação do poder, o que otimiza a execução de cada atividade pertinente para o bom funcionamento do governo e reduz a possibilidade de insubordinação; (iii) além disso, como veremos em breve, os assuntos políticos, bem como os assuntos econômicos, são centralizados nas mãos de pouquíssimos de dirigentes, o que é precisamente um dos objetivos da transposição da organização militar à estrutura do governo imperial persa.

Mas antes de implementar as satrapias, Ciro toma uma medida preliminar bastante interessante: ele separa o poder político do poder militar. Este último já se encontrava nas mãos dos guardiões de cidadelas que haviam sido deixados nas regiões conquistadas. Então, Ciro os mantém em seus postos, mas ele estabelece que eles responderiam única e exclusivamente a ele, em vez de estar sob o comando dos sátrapas, de modo que Ciro consegue concentrar em suas próprias mãos o poder militar de todo o império (VIII, 6, 1 e 9). Ciro “tomou essa precaução ao pensar de que forma um sátrapa poderia encontrar resistência imediatamente na própria província, ou caso se tornasse insolente, ou ainda tentasse deixar de obedecê-lo por possuir muitos bens ou uma grande quantidade de homens sob o seu comando (§1)”. Podemos observar claramente nesta medida uma preocupação latente com a segurança e a preservação do império. Ciro nunca deixa de refletir como general prudente que, neste caso, busca eliminar toda possibilidade de conflito interno e, em última instância, de divisão do império. Para isso, ele limita o poder militar dos sátrapas e estende às províncias a rígida hierarquia já estabelecida. Com efeito, apesar dos seus esforços para evitar a desmedida (*hybris*) e a insubordinação graças à prática contínua da virtude e à criação do sistema hierárquico de cunho militar, Ciro sabe que elas estão sempre à espreita.

Em seguida, Ciro escolhe como sátrapas aqueles dentre os seus amigos e aliados que ele considerava os mais qualificados (VIII, 6, 7), encarregados de “governar os habitantes das cidades, recolhendo tributos, pagando os homens das guarnições e executando o que mais for necessário (VIII, 6, 3).” Os sátrapas ocupam-se então da administração civil e financeira das províncias. No entanto, é bom enfatizar que eles não se reduzem a meras figuras burocráticas. Eles possuem também uma função política muito clara e de grande importância no processo de organização do império: eles são mais do que representantes do próprio rei em cada província, e é por isso que Ciro os envia prescrevendo que eles o imitem em *tudo* que eles o vissem fazer (VIII, 6, 10). Isso é possível porque eles são os companheiros de armas e amigos de Ciro, de modo que eles já têm incorporados os hábitos, as virtudes e as práticas sociais que Ciro instituiu antes e depois da tomada de Babilônia. Nessa perspectiva, a corte de cada sátrapa é uma imitação da corte de Ciro, de modo que não apenas Ciro consegue a proeza de estar indiretamente presente em todo lugar do império, mas consegue ainda difundir suas qualidades pessoais assim como seu modo de vida virtuoso, caracterizado pelo treinamento físico e militar e por um regime de vida sóbrio (VIII, 6, 10-12). O projeto de Ciro no que diz respeito às províncias está condensado na *Ciropédia* VIII, 6, 12-13, que podemos resumir em três pontos principais:

- i. Ciro não pode, com uma virtude puramente humana, conservar sozinho o império e os bens de todos os seus amigos e aliados;
- ii. Por isso, além da delegação de tarefas e funções, é necessário que os sátrapas e seus subordinados imitem (μιμεῖσθαι) em cada detalhe Ciro e sua corte imperial, ou seja, o seu modo de vida e as suas práticas sociais; só assim Ciro poderá ser para os sátrapas um bom defensor e estes, em contrapartida, bons aliados de Ciro;
- iii. Ciro enfatiza que ele não está dando ordens a escravos (τοῖς δούλοις), na medida em que tudo o que ele exige dos sátrapas ele próprio se esforça para fazer igual.

Ciro reconhece a dimensão da tarefa de administração do império e a impossibilidade, apesar da sua virtude e competência, de fazê-lo sozinho, daí a importância de difundir as suas qualidades, delegando aos sátrapas uma parte das funções políticas e exortando-os a adotar o mesmo modo de vida que ele e os seus associados que fazem parte da corte da Babilônia²⁵. A conservação dos bens e, paralelamente, do império, depende portanto da reprodução *exata* em cada província da vida na corte de Babilônia, cada sátrapa sendo, por assim dizer, um avatar de Ciro, de sua autoridade e de suas virtudes. A analogia entre a corte de Ciro e as cortes dos sátrapas e a ideia de reciprocidade que deriva dessa analogia não podia ser mais clara: do mesmo modo que Ciro e sua corte devem ser virtuosos para auxiliar os sátrapas em caso de perigo, os próprios sátrapas e suas cortes respectivas devem praticar a virtude para se tornarem fortes aliados de Ciro nessa grande empreitada que é a preservação e a estabilidade do império. Aqueles que vêem Ciro como um monarca absoluto acima da lei, quicá um tirano, parecem ter ignorado o texto acima, no qual Ciro afirma claramente que seus companheiros não são escravos, na medida em que, nessa relação de reciprocidade, o próprio Ciro deve prestar contas dos comportamentos que ele exige dos seus semelhantes e dos seus subordinados. Desse modo, enquanto modelo de conduta por excelência, Ciro também está, talvez mais do que todos, submetido às mesmas regras que ele impõe²⁶. No entanto, é preciso reconhecer que existe uma dissimetria entre Ciro e os sátrapas, principalmente porque estes são completamente desprovidos de tropas. Ciro possui a quase totalidade do poder militar, de modo que, na condição de chefe supremo, ele tem a última palavra sobre todas as atividades militares do império, sejam elas defensivas ou agressivas.

²⁵ Nessa perspectiva, Breebaart (1983: 130) observa com acuidade: “The satraps have to make branch-establishments of the royal court and to copy the institutions of the imperial center. Likewise, the staffs are to copy the actions, attitudes and lifestyle of their superiors. At all levels, authorities have to imitate their superiors in the hierarchical chain; so, ultimately, complete imitations secured the diffusion of royal excellency over the whole territory.”

²⁶ Ver *Cirop.* VII, 5, 85. Ver também *ibid.* VIII, 1, 23-39, onde Xenofonte descreve cuidadosamente todas áreas nas quais Ciro servia de exemplo de virtude e de competência.

Mas isso não quer dizer que os sátrapas não tenham nenhum poder real, como afirma equivocadamente Breebaart (1983: 130). Eles não estão totalmente desprovidos de autonomia, como se eles fossem simples fantoches de Ciro. De fato, estamos lidando com um regime monárquico, mas que possui mesmo assim traços marcantes de aristocracia e oligarquia, na medida em que a espinha dorsal do império é constituída por um pequeno grupo de aristocratas, do qual o próprio Ciro faz parte²⁷. É por isso que eles buscam, ademais, se distinguir dos povos conquistados por meio dos desfiles imperiais, mas também adotando um modo de vida fundado num regime equilibrado (*diáita métria*) e, sobretudo, nos exercícios (*pónoi*) destinados aos homens nobres (*agathoi*) ou, se quisermos, aos homens livres (*eleutherioi*), proibidos aos povos conquistados (VII, 5, 78-85)²⁸. Ciro, na condição de monarca, possui certamente mais poder, graças simultaneamente à sua competência política e sua força militar, mas ele não governa, insistamos neste ponto, de modo tirânico. Ele também governa com o auxílio dos seus associados (*koinonés*), como indica o exemplo de Crisantas, enviado como sátrapa à Ásia Menor. Crisantas mereceu seu lugar à direita de Ciro durante um banquete exatamente porque (i) ele tomava decisões proativamente, ou seja, sem consultar Ciro, quando ele próprio sabia o que era melhor de ser feito; (ii) além disso, cada vez que havia algo a dizer aos aliados, ele sugeria a Ciro as palavras que ele estimava conveniente que ele pronunciasse; (iii) ele tomava às vezes o lugar de Ciro em discursos dirigidos aos aliados, quando Ciro tinha escrúpulos de ele próprio discursar; (iv) ele sempre se mostra em busca de recursos excendentes que possam ser úteis a Ciro; (v) por fim, os sucessos de Ciro dão mais prazer a Crisantas do que ao próprio Ciro (VIII, 4, 11), um dos comportamentos, segundo a concepção xenofônica da amizade (*philia*), do amigo exemplar: se regozijar com os sucessos dos amigos²⁹. Ora, parece claro, a partir do exemplo de Crisantas, que os associados de Ciro, sátrapas ou não, não são simples marionetes, mas na verdade – e por oposição aos povos conquistados – parceiros ativos no governo do império.

Que os sátrapas em particular, e os amigos de Ciro em geral, sejam efetivamente sujeitos políticos, o texto abaixo o mostra, a meu ver, com clareza:

²⁷ A própria terminologia que Xenofonte emprega no final da *Ciropédia* indica os traços aristocráticos e oligárquicos do império de Ciro, o que refuta, ao meu ver, a hipótese da tirania ou de uma monarquia absoluta *avant la lettre*. Cf. VII, 6, 14 (πάσαι δὲ συγκεφαλαιοῦνται πολιτικάι πράξεις εἰς ὀλίγους ἐπιστάτας); ver também o emprego abundante do termo *aristoi* para qualificar os *koinonés*; VII, 5, 35; VIII, 1, 8, 39 et 44; VIII, 2, 26; VIII, 5, 23 et 26; VIII, 6, 11 et 14.

²⁸ Johnstone (1994) demonstrou muito bem que a incorporação do *pónos* corresponde a uma estratégia dos aristocratas para se distinguirem das classes sociais consideradas inferiores. Esse preconceito ideológico poderia fornecer uma explicação suplementar para a interdição do treinamento militar imposta aos povos conquistados: apenas os *aristoi* têm o direito de praticar uma tão nobre atividade (*kálon érgon*). Isso reforça, ademais, a ideia segundo a qual o império persa na *Ciropédia* é uma interessante mistura de monarquia, oligarquia e aristocracia.

²⁹ Ver, *p.ex.* *Mem.* I, 6, 14; II, 2, 5-14; II, 4, 6; II, 6, 35; III, 9, 8; *Econ.* IX, 12.

A organização estabelecida por Ciro nessa época é mantida até hoje do mesmo modo (ὁμοίως) em todas as guardas sob o comando do rei. Todas as cortes dos homens em posição de liderança são frequentadas semelhantemente (πᾶσαι δὲ αἱ τῶν ἀρχόντων θύραι ὁμοίως θεραπεύονται); todas as casas, grandes ou pequenas, são administradas de forma idêntica (ὁμοίως); os melhores homens dentre os presentes são honrados pelos assentos que ocupam por todos; todas as viagens são arranjadas do mesmo modo e todas as atividades políticas estão centralizadas em alguns poucos homens que estão no controle (πᾶσαι δὲ συγκεφαλαιοῦνται πολιτικαὶ πράξεις εἰς ὀλίγους ἐπιστάτας)³⁰.

Esse texto reforça a ideia de que o bom funcionamento do sistema hierárquico criado por Ciro depende da imitação rigorosa (i) de todos os procedimentos de administração, da esfera pública à esfera privada, (ii) do método de viagem (para que o Rei ou o seus funcionários possam supervisionar as províncias), (iii) das regras de distribuição de honras e recompensas e, por último, (iv) do regime de vida e dos hábitos cotidianos da parte daqueles que ocupam altas funções. A política de delegação anda, portanto, junto com o que poderíamos chamar de “política de inspiração” (Azoulay 2009: 170), onde o exemplo de Ciro estimula a imitação, que aparece nesse texto pelo uso repetido do advérbio ὁμοίως. Ciro consegue, dessa forma, não apenas difundir suas virtudes e o seu modo de vida, mas ainda evitar toda possibilidade de imprevisto, de confusão e de dissolução da hierarquia. Tal qual no exército, cada indivíduo que possui um papel no governo como sustentáculo do império conhece o seu lugar, bem como os deveres e comportamentos atrelados ao seu posto. Ao implementar essa medida, usando seus amigos e aliados como intermediários entre ele e os seus governados e instando-os a imitá-lo, Ciro faz com que eles se tornem extensões da sua personalidade e do seu poder político (Tatum: 1989: 199).

Além disso, se no acampamento militar o poder emana da tenda do chefe situada no centro (VIII, 5, 9), no império de Ciro o poder emana da capital, ela também situada no centro, em direção às fronteiras mais longínquas do território. Nessa perspectiva, do mesmo modo que Ciro centralizou os assuntos econômicos (VIII, 1, 15), os assuntos políticos também foram “centralizados” (συγκεφαλαιοῦνται) nas mãos de um pequeno grupo de dirigentes. Dessa forma, em vez de dispersão e enfraquecimento do poder pelas múltiplas regiões do império, observa-se, ao contrário, graças ao sistema criado por Ciro, uma concentração do poder. E ao incorporar as satrapias ao sistema hierárquico de cunho militar, a presença e o poder do rei se fazem sempre esmagadores, na medida em que eles não se diluem por conta da distância em relação ao centro do império. Os sátrapas e, de modo geral, os companheiros de Ciro, possuem então um poder relativo, que encontra certamente o seu ponto culminante

³⁰ *Cirop.* VIII, 6, 14.

na figura de Ciro, mas que não é, a despeito disso, um poder fictício. Ora, é exatamente porque a autonomia e o poder dos sátrapas não são fictícios que Ciro criou um corpo de inspetores (VIII, 6, 16). Todos os anos, um inspetor visitava as províncias sempre acompanhado de tropas, (i) caso um dos sátrapas precisasse de socorro, (ii) se alguém vítima de desmedida precisasse ser apaziguado, (iii) se fosse necessário consertar alguma negligência na captação de tributos e, por fim, (iv) se se faltava com qualquer outra prescrição. Se o inspetor não podia ele mesmo resolver os problemas identificados, ele enviava um relatório a Ciro, que deliberava acerca do indisciplinado. Xenofonte afirma, por fim, que o inspetor permanecia “invisível”, na medida em que não se sabia nunca exatamente quando ele faria a sua inspeção, de modo que Ciro conseguia garantir a eficácia desse sistema graças ao elemento-surpresa³¹.

3. Conclusão

Propomos neste artigo uma análise de um dos aspectos da filosofia política de Xenofonte: a organização militar como estrutura dos assuntos econômicos e políticos do Estado persa e que, de modo surpreendente, faz eco na contemporaneidade, na medida em que a política é por ele pensada em termos de hierarquia, eficácia, eficiência, rapidez e gestão racional de pessoas e de recursos materiais. É interessante notar que Xenofonte tira dos meandros da vida militar elementos essenciais para pensar o que ele acredita ser a melhor organização possível para qualquer comunidade humana, o que traz originalidade para o seu pensamento filosófico, pois nenhum dos seus contemporâneos pensou o Estado de forma semelhante. À guisa de uma conclusão mais esquemática, tentemos responder às questões colocadas no início e que motivaram este estudo.

- Por que recorrer ao paradigma militar para pensar a estrutura econômica e política do Estado?

O paradigma militar, mais especificamente a *stratíotiké sýntaxis*, aparece na *Ciropédia* como o esqueleto do Estado persa: todos os assuntos econômicos e políticos do império de Ciro são administrados a partir de uma complexa hierarquia, na qual o lugar e as funções de cada um são bem estabelecidos e rigorosamente respeitados; até mesmo Ciro está submetido ao sistema que ele criou, sistema esse que não é autônomo, mas que depende diretamente da atividade do chefe supremo. Além disso, ela permite concentrar o poder nas

³¹ “Cyrus makes frequent inspections and undertakes periodic progresses through his Kingdom. What he is not able to investigate he delegates to circuit commissioners, officers who perform a function similar to the inspectors-general of a modern military establishment. Hence a community so organized and supervised as to decrease the element of the unpredictable, the haphazard and the arbitrary, will measurably increase and secure the leader’s control over his followers. (Wood 1964: 59).”

mãos de poucos notáveis, cujas ordens são rapidamente disseminadas ao longo da cadeia de comando. Ela permite também eliminar, na medida do possível, os conflitos internos, a confusão e a anarquia instaurando a eficácia, a rapidez, a vigilância mútua, a prosperidade material e a obediência voluntária em relação ao soberano. Graças a essa organização de tipo militar, é possível instaurar, ademais, dois tipos de política complementares: uma política de delegação, onde o soberano distribui a todos os seus associados funções político-administrativas, e uma política de inspiração na qual o soberano, graças ao seu próprio exemplo (*parádeigma*), estimula os seus subordinados a praticar a virtude, de modo que as suas qualidades são difundidas por todo o império. Por fim, nesse sistema, *ninguém* é excluído, de modo que todos, vencedores e derrotados, têm o seu papel a cumprir e o bom funcionamento do Estado depende de que cada um exerça as suas funções.

- Quais problemas Xenofonte tenta resolver transpondo certos elementos do paradigma militar à estrutura do Estado?

(i) A preservação e a estabilidade do Estado, daí a necessidade de instaurar a ordem e a disciplina através da concentração do poder militar nas mãos do soberano, da vigilância e do controle permanentes das províncias e dos altos funcionários, da instauração uma estrutura hierárquica rigorosa onde cada um conhece muito bem o seu lugar e suas funções; (ii) o governo eficaz de um vasto território, daí a criação da corte dos sátrapas como cópias da corte imperial; (iii) a obediência voluntária, daí a instauração de uma política evergética radical onde todos os que realizam belas ações são generosamente recompensados; (iv) a eficiência administrativa, daí a preocupação com a negligência e o descuido e a criação de um sistema hierárquico no qual cada um tem atribuições específicas; (v) o problema da prosperidade material, daí a necessidade do equilíbrio entre receitas e despesas.

Referências bibliográficas

- Amaral de Almeida Prado, Anna Lia. *Xenofonte: Econômico*, São Paulo, Martins Fontes, 1999.
- Azoulay, Vincent. *Xénophon et les grâces du pouvoir : de la charis au charisme*, Paris, Publications de la Sorbonne, 2004a.
- Azoulay, Vincent. “The Medo-Persian Ceremonial : Xenophon, Cyrus and the King’s Body”. In: Christopher Tuplin, ed., *The World of Xenophon*, Stuttgart, F. Steiner Verlag, 2004b.
- Azoulay, Vincent. “Cyrus, disciple de Socrate ? Public et privé dans l’œuvre de Xénophon”. In: *Études Platoniciennes*, vol. 6 (2009), pp. 153-173.
- Breebaart, A.B. “From Victory to Peace: Some Aspects of Cyrus’ State in Xenophon’s *Cyropaedia*”. In: *Mnemosyne*, vol. 36, núm. 2 (1983), pp. 117-134.
- Carlier, Pierre. “L’idée de monarchie impériale dans la *Cyropédie* de Xénophon”. In: *Ktèma*, núm. 3 (1978), pp. 133-163.
- Delebecque, Édouard. *Xénophon : Le Commandant de la Cavalerie*, Paris, Les Belles Lettres, 1973.
- Demont, Pierre. *La cité grecque archaïque et classique et l’idéal de tranquillité*, Paris, Les Belles Lettres, 1990.
- Dorion, Louis-André. “La responsabilité de Cyrus dans le déclin de l’empire Perse selon Platon et Xénophon”. In: *Revue Française d’Histoire des Idées Politiques*, núm. 16 (2002), pp.369-386.
- Dorion, Louis-André. *L’Autre Socrate*, Paris, Les Belles Lettres, 2013. (Collection Âne d’Or)
- Dorion, Louis-André. *Xénophon : Mémorables*, Paris, Les Belles Lettres, 2015.
- Dorion, Louis-André. *Xénophon. Hiéron*, Paris, Les Belles Lettres, 2021a.
- Dorion, Louis-André. “Hiéron craint-il Simonide ? : le passage « central » du *Hiéron* selon Leo Strauss”. In: *Caliope*, núm. 41, *separata* 7 (2021b), pp. 6-43.
- Gera, Deborah Levine. *Xenophon’s Cyropaedia: Style, Genre and Literary Technique*, Estados Unidos, Oxford University Press, 1993.
- Johnstone, Steven. “Virtuous toil, vicious work: Xenophon on Aristocratic Lifestyle”. In: *Classical Philology*, vol. 89, núm. 3 (1994), pp. 219-240.
- Morrison, Donald. “Tyrannie et royauté selon le Socrate de Xénophon”. In: *Les Études Philosophiques*, núm. 69 (2004), pp. 177-192.
- Sano, Lúcia. *Xenofonte: Ciropédia*, São Paulo, Editora Fósforo, 2021.
- Tatum, James. *Xenophon’s Imperial Fiction. On the Education of Cyrus*, Princeton-New Jersey, Princeton University Press, 1989.
- Wood, Neil. “Xenophon’s Theory of Leadership”. In *Classica et Mediaevalia*, vol. 25 (1964), pp. 33-66.
- Woronoff, Michel. “L’autorité personnelle selon Xénophon”. In: *Ktèma*, núm. 18 (1993), pp. 41-48.

